



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
UNIDADE EDUCACIONAL PALMEIRA DOS INDIOS-AL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

LÍVIA DA SILVA PINTO

**O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO E A
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO: alguns apontamentos
para refletir sobre a questão social**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL
2021

**O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO E A
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO: alguns apontamentos para refletir sobre a
questão social**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UFAL – Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Angélica Luiza Silva Bezerra.

PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial Palmeira dos Índios
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Kassandra Kallyna Nunes de Souza (CRB-4: 1844)

P659d Pinto, Lívia da Silva

O desenvolvimento do capitalismo e a exploração do trabalho: alguns apontamentos para refletir sobre a questão social/ Lívia da Silva Pinto, 2021. 55 f.

Orientadora: Angélica Luiza Silva Bezerra.

Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas. Campus Arapiraca. Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Palmeira dos Índios, 2021.

Bibliografia: f. 53 – 55

1. Serviço social. 2. Capitalismo. 3. Trabalho. I. Bezerra, Angélica Luiza Silva. II. Título.

CDU: 364

LÍVIA DA SILVA PINTO

**O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO E O A EXPLORAÇÃO DO
TRABALHO: alguns apontamentos para refletir sobre a questão social**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas/ Unidade Educacional de Palmeira dos Índios, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.

Angélica Luíza Silva Bezerra

Profa. Dra. Angélica Luíza Silva Bezerra
(Orientadora – Curso de Serviço Social/Unidade Educacional Palmeira dos Índios/Campus Arapiraca/ Universidade Federal de Alagoas – UFAL)

Japson Gonçalves Santos Silva

Prof. Dr. Japson Gonçalves Santos Silva
(Examinador interno – Curso de Serviço Social/Unidade Educacional Palmeira dos Índios/Campus Arapiraca/ Universidade Federal de Alagoas – UFAL)

Érika Flávia Soares da Costa

Profa. Ma. Érika Flávia Soares da Costa (Examinadora externa - Curso de Serviço Social/Unidade Educacional Palmeira dos Índios/Campus Arapiraca/ Universidade Federal de Alagoas – UFAL)

Palmeira dos Índios/AL, 25 de maio de 2021.

Dedico a conclusão desse curso a minha mãe Vitória, meu maior incentivo de conquistas aqui na terra.

AGRADECIMENTO

A Deus, por conceder perseverança, felicidade e fé; guiando sempre todos os passos da minha caminhada.

Aos meus professores, verdadeiros mestres, pela doação, que sem medir esforços dividiram seus conhecimentos e pela contribuição no aprendizado em especial a orientadora Angélica Luiza Silva Bezerra, pela paciência e colaboração na conclusão desse TCC, grata pelos ensinamentos.

Aos colegas de curso e amigos em geral, que direta ou indiretamente contribuíram para essa conquista, pelos verdadeiros laços de amizade que o tempo não há de desfazer.

*Diante do vão da desigualdade e da
indiferença social,
Existem comunidades inteiras de
egoselevados,
Representando modéstias falsas e
orgulhos exacerbados Num cenário
absurdo, frio de sentimento e brutal.*

Rozilda Euzebio Costa

RESUMO

Este trabalho de conclusão de Curso (TCC) intitulado o desenvolvimento do capitalismo e a exploração do trabalho: alguns apontamentos para refletir sobre a questão social aborda sobre os seguintes conteúdos: o desenvolvimento do capitalismo e o surgimento da questão social, contribuindo assim para melhor discussão do assunto na sociedade, entendendo que o novo cenário se torna importante quanto à política pública e o direito social que é de responsabilidade do Estado. O objetivo geral é compreender o capitalismo e o surgimento da exploração do trabalho e seus desdobramentos na vida do trabalhador que acarretou desemprego e a pobreza, momento histórico que desencadeou a questão social. A metodologia aplicada neste trabalho foi norteadada pela pesquisa bibliográfica, através de autores conhecedores do assunto, tais como: Alayón (1995), Boschetti (2003), Braverman (1987), Barbosa (1998), Cavalcante (2009), Carvalho (2004), Iamamoto (2008, 2010, 1998), Lonardoní (2021), Matos (2003), Martinelli (1997), Marx (1987, 1996), Paulo Netto (2007), entre outros promovendo a teorização do problema proposto.

Palavras-chave: Exploração do trabalho. Capitalismo. Estado. Questão Social.

ABSTRACT

This course conclusion paper (TCC) entitled the development of capitalism and the exploitation of work: some notes to reflect on the social issue addresses the following contents: the development of capitalism and the emergence of the social issue, thus contributing to a better discussion of the matter in society, understanding that the new scenario becomes important in terms of public policy and social law that is the responsibility of the State. The General objective is to understand capitalism and the emergence of the exploitation of labor and its consequences in the life of the worker, which caused unemployment and poverty, a historical moment that triggered the social issue. of the social issue. The methodology applied in this work was guided by bibliographic research, through knowledgeable authors on the subject, such as: Alayón (1995), Boschetti (2003), Braverman (1987), Barbosa (1998), Cavalcantec(2009), Carvalho (2004) , lamamoto (2008, 2010, 1998), Lonardoni (2021), Matos (2003), Martinelli (1997), Marx (1987, 1996), Paulo Netto (2010) among others promoting the theorization of the proposed problem.

Keywords: Work exploration. Capitalism.State. Social issues.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CAPITALISMO E O TRABALHO ASSALARIADO	12
2.1	<u>Origem do capitalismo e trabalho assalariado</u>	27
3	SOCIEDADE CAPITALISTA E A NOVA CONDIÇÃO DO TRABALHO	30
3.1	<u>Organização taylorismo-fordista: a nova realidade do trabalho assalariado</u>	35
3.2	<u>A intervenção do Estado sobre o trabalho assalariado: o acirramento da questão</u>	40
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A referida pesquisa tende a dar a maior visibilidade aos aspectos importantes para o desenvolvimento do capitalismo e o a exploração do trabalho: alguns apontamentos para refletir sobre a questão social, contribuindo assim para melhor discussão do assunto na sociedade quando se trata do capitalismo e a exploração do trabalho. Nesse sentido, vale ressaltar que a origem do capitalismo se deu no período da revolta dos camponeses, em busca de lutar contra a exploração senhorial, os quais foram estabelecidas alianças que determinaram a permissão do novo regime político, favorável ao interesse da burguesia, logo gerou questões de luta a sobrevivência. O capitalismo, ou modo de produção capitalista, é uma forma de organização social marcada pela separação entre os proprietários e controladores dos meios de produção (máquinas, matérias-primas, instalações etc.) e os que não possuem e não controlam os meios de produção, dependendo exclusivamente da venda de sua força de trabalho, através do salário, para sobreviver.

A problemática desse material, expõe o surgimento do capitalismo, até o surgimento da exploração do trabalho, enfatizando o século XIX, que fez com que a industrialização aumentasse a população urbana. (Decorrente de grandes charrets, fumaça e óleo com a chegada do automóvel, e no final do século XIX a partir ascensão do sistema capitalista formação de mercados, bancos, comércio criando uma nova ascensão de uma nova classe social: os operários isto é trabalhador da indústria capitalista consequente, surgiram relações sociais entre exploradores donos e explorados que permearam dia a dia das indústrias.

A metodologia aplicada neste trabalho foi norteada pela pesquisa bibliográfica de autores conhecedores do assunto, tais como: Alayón (1995), Boschetti (2003), Braverman (1987), Barbosa (1998), Cavalcante (2009), Carvalho (2004), Iamamoto (2008; 2010; 1998), Lonardoní (2021), Matos (2003), Martinelli (1997), Marx (1987; 1996), Paulo Netto (2007) entre outros promovendo a teorização do problema proposto. A partir destes autores indagamos as seguintes.

Perguntas para nortear o desenvolvimento deste TCC, que são: Quais os fundamentos do desenvolvimento capitalista que forneceram as bases para o surgimento da pobreza? Por que a exploração do trabalho é fundamentada para a consolidação do capitalismo? Qual a relação entre exploração do trabalho, pobreza e questão social? Esse consentimento de questões, mal resolvidas devido as variantes de crises que surgem em seus ciclos econômicos, que nunca tem um ponto final, principalmente dentro do sistema capitalista. Com bases nestas indagações nos propomos a desenvolver o trabalho a partir de duas seções. A primeira trata sobre o capitalismo e as mudanças do trabalho assalariado nesse período. A segunda aborda a sociedade capitalista e as novas concepções de trabalho que surgiram nesse processo. Tratando-se de uma sociedade que passou a ser explorada, vendendo sua força de trabalho, pois ficaram desprovidos de seus meios de produção, e hoje estão inseridos no mercado de trabalho, dentro de uma nova condição de forma assalariada, para suprir suas necessidades garantindo assim, o sustento do trabalhador juntamente com sua família. As fábricas, foi uma forma ainda mais severas onde surgiram desemprego, que se originou, a pobreza pois os trabalhadores foram substituídos pelas máquinas, e a partir daí se consolidou o capitalismo e suas contradições, e o antagonismo que de certa forma também contribuíram para que a questão social, ou seja se trata da origem do desenvolvimento do capitalismo. É com bases nestes argumentos que desenvolvemos nosso trabalho.

2 O CAPITALISMO E O TRABALHO ASSALARIADO

O trabalho assalariado é a forma específica do regime que gere o modo de Produção Capitalista, isso significa que ele é parte constitutiva do sistema de exploração do trabalho, por mais significativa que sejam as conquistas salariais. Essa seção buscamos abordar a origem do capitalismo, e o trabalho assalariado, considerando que os operários não são remunerados de acordo com a sua jornada de trabalho exercida dentro da produção. Desta forma são trabalhadores explorados pelo regime do sistema do capital.

2.1 Origem do capitalismo e trabalho assalariado

O trabalho assalariado tem em suas bases o desenvolvimento da sociedade capitalista que se fundamenta pelo trabalho não pago do trabalhador, ou seja, o trabalho excedente. Esta realidade só foi possível com o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho que forneceram as bases para um desenvolvimento econômico.

De acordo Paulo Netto (1977 ,p.57):

O excedente econômico, que alguns economistas designam simplesmente como excedente ,na definição mais breve possível ,é a diferença entre o que a sociedade produz e os custos dessa produção .O volume do excedente é um índice de produtividade e riqueza.Este excedente propiciou o desenvolvimento cada vez maior do capitalismo e ao mesmo tempo o aumento dos números de explorados que por sua vez é intensificado o lucro do capital: O maior objetivo do sistema.este excedente propiciou o desenvolvimento cada vez maior do capitalismo e ao mesmo tempo o aumento dos números de trabalhadores explorados que por sua vez é intensificado o lucro do capital: o maior objetivo do sistema . No capitalismo o lucro é a força motriz que só pode existir e reproduzir-se na escala em que a busca do lucro é indeterminável, se considera a função social do capitalista através de traços psicológicos, biográficos ou morais nas suas características individuais.

Os capitalistas assim como os proletários apresentam-se numa infinita gradação das personalidades generosas, logo, se faz necessário deixar de lado toda ideologia que tenta revestir com um verniz moralizador a ação das empresas capitalistas de responsabilidade social e buscar não deixar oculto o objetivo central de todo e qualquer investimento capitalista que não se empenhem de forma prioritária e sistemática na obtenção de lucros. Diante de lucros, o trabalho que tinha como base a agricultura e a domesticação de animais, avançaram e se distinguiram das demais comunidades, dedicando-se ao pastoreio e ao cultivo de terras, deixando assim de ser nômades e passaram a vincular-se apenas a um território, o qual foram se destacando e surgindo excedentes econômicos.

De acordo, com NETTO (1977,p.57):

Surgimento do excedente econômico, que assinala o aumento da produtividade do trabalho, opera uma verdadeira revolução das comunidades primitivas: com eles, não só penúria que as caracterizava começa a ser reduzida, mas, sobretudo, aparece na história a possibilidade de acumular produtos do trabalho. (PAULO NETTO ,1977, p.57)

Assim, conforme Paulo Netto (1977), depois que surgiu o excedente econômico, que assinala o trabalho constante da comunidade primitiva que acumulavam as produções realizadas por seus membros, os camponeses foram expulsos de suas terras, e com pouco que restou de suas mercadorias, esses venderam para sobreviver e ficaram sem os meios de produção após serem expulsos ,por não possuírem mais terra para cultivo.Sendo assim foi necessário que vendessem sua força de trabalho como garantia de sobrevivência e os capitais adicionais, que eram constituídos no transcurso da acumulação normal e que serviam preferencialmente como veículos para a exploração de novas inovações e descobertas e aperfeiçoamentos industriais viáveis, surgindo assim na história a possibilidade de acumulação de produtos e esses passaram a buscar a garantia do Estado ao seu trabalho assalariado.Foi necessário que o Estado garantisse os direitos dos trabalhadores, para se legitimar perante a sociedade ,e produzir a falsa ideia de que todos seus direitos são atendidos ,o que na verdade é o oposto do que os trabalhadores pensam, o Estado na verdade não fazem “Bondade”, para

permanecer no domínio da exploração, camuflando o sistema capitalista e suas verdadeiras intenções. As verdadeiras intenções do Estado, é o controle da classe trabalhadora devido as manifestações, que são geradas em busca de melhoras de custo salarial como também, direitos trabalhistas, como por exemplo, carteiras assinadas, e jornadas de trabalho menos exaustivas e salários mais dignos.

Sobre a história dos dois séculos, Comenta Historicamente, foram necessários mais de dois séculos (de meados do Séc. XVI ao Século XIX) para que o capital conseguisse empalmar o controle do processo de trabalho; quando o conquistou, instaurou-se o que podemos designar propriamente como produção capitalista. (PAULO NETTO, 1994, p. 111).

De acordo com o autor Paulo Netto (1994). Mediante a falsa ideia de direitos atendidos, os camponeses continuam suas lutas diante a divisão de trabalho, os estudos se tratava da existência de uma divisão de trabalho artesanal e na agricultura, exigindo o lado intelectual, que se desenvolveram algumas medidas, através do surgimento do excedente, e não uma forma primitiva de trabalho coletivo onde tudo que era produzido eram destinados ao próprio consumo, e com isso gerou um processo de trabalho dentro das relações técnicas de produção, onde o processo de trabalho tecnológico e controle dos trabalhadores buscam os direitos dos trabalhadores e sua própria subsistência, transformando-os em trabalhadores assalariados. O trabalho assalariado foi se expandindo e surgiu a maior divisão na distribuição de trabalho, através do artesanato que se avançou e se tornou relativamente mais especializado, através do consumo e outros tipos de artesanato para a comercialização. Depois que surgiu o excedente econômico, que assinala o trabalho constante da comunidade primitiva que acumulavam as produções realizadas por seus membros, os camponeses foram expulsos de suas terras, e com pouco que restou de suas mercadorias, esses venderam para sobreviver e ficaram sem os meios de produção, após serem expulsos e não possuírem mais terra para cultivo, sendo assim, foi necessário que vendessem sua força de trabalho, como garantia de sobrevivência e os capitais adicionais, que eram constituídos no transcurso da acumulação normal e que serviam preferencialmente como veículos para a exploração de novas inovações e descobertas e aperfeiçoamentos industriais viáveis, surgindo assim na história a possibilidade de acumulação de produtos e esses passaram a buscar a garantia do Estado ao seu trabalho assalariado. Foi

necessário que o Estado garantisse os direitos dos trabalhadores, para se legitimar perante a sociedade, e produzir a falsa ideia de que todos seus direitos são atendidos, o que na verdade é o oposto do que os trabalhadores pensam, o Estado na verdade fazem “Bondade”, para permanecer no domínio da exploração, camuflando o sistema capitalista e suas verdadeiras intenções.” Acerca desse momento. Surgiu historicamente durante os meados dos séculos, XVI e XIX, quando na Inglaterra começou a forma industrializada, com novos meios de produzir mais rápido, e de forma que não fosse necessário, utilizar-se tão somente da mão-de-obra dos operários, necessitando apenas dos operários para manusear as máquinas.

De acordo com Paulo Netto, (1982,p.115):

Pode-se definir trabalho produtivo como todo trabalho que se troca por capital[...], ou seja, todo trabalho que enriquece a um ou vários capitalistas que lhes permite apropriar-se de uma parte de massa global de mais-valia produzida pela massa global de trabalho assalariado o que produz valor.[...] Todo trabalho assalariado contratado pela empresa capitalista –em contraste com o trabalho doméstico[...] entra nesta categoria (Mandel, 1998:122-123; os últimos itálicos não são do original)(PAULO NETTO, 1982,p.115).

Mediante a falsa ideia de direitos atendidos, os camponeses continuam suas lutas diante a divisão de trabalho, os estudos que trata-se de uma divisão que existe, do trabalho artesanal e da agricultura, exigindo o lado intelectual e também medidas que se desenvolveram através do excedente, destinados ao próprio consumo, surgindo o excedente no processo de trabalho e nas relações técnicas de produção. Onde o processo de trabalho tecnológico e controle dos trabalhadores buscam os direitos dos trabalhadores e sua própria subsistência, transformando-os em trabalhadores assalariados. O trabalho assalariado foi se expandindo e surgiu a maior divisão na distribuição de trabalho através do artesanato que se avançou e se tornou relativamente mais especializado, através do consumo e outros tipos de artesanato para a comercialização. Segundo Paulo Netto (1989) todos os empreendimentos dos capitalistas em suas indústrias de grande ou pequeno porte visavam a sustentabilidade através do lucro, o único e verdadeiro objetivo, que sempre foi camuflado de suas intenções, porar ligados ao valor determinado de mais-valia que é o lucro, e esse objetivo nunca foi visível, na sociedade de capitalista

inicialmente.

De acordo com PAULO NETTO (1999, p.107):

A experiência cotidiana dos trabalhadores não lhes permite apreender a distinção entre trabalho necessário e trabalho excedente na jornada de trabalho não há nenhuma divisória perceptível entre ambos sob aspecto, o trabalho assalariado (“trabalho livre”) é mais ocultador da exploração, que trabalho servil e o escravo.(PAULO NETTO,1999, p.107)

Segundo Paulo Netto (1999), o tempo necessário depois dos processos de industrialização, é a exploração da força de trabalho que corresponde a jornada de trabalho, e não equivale ao salário que recebe, tal parte da jornada denomina-se tempo de trabalho excedente, que se trata do acúmulo de produção, e outro tempo que corresponde a força de trabalho, ou seja, extraída da exploração da força de trabalho na experiência no cotidiano dos trabalhadores que se inserem no sistema capitalista. Existe a alienação da exploração da força de trabalho, e os trabalhadores trazem a falsa conclusão de trabalho livre, devido a não terem acesso teórico, ou seja, conhecimento sobre o assunto de exploração sob um trabalho assalariado dentro de um modo de produção capitalista que pressiona os salários para baixíssimos, diante de número de desempregados e da quantidade de pessoas que precisam trabalhar e se sujeitam a trabalhar por salários baixos para sobreviverem.

De acordo com Paulo Netto(1998,p.134):

Existência de um enorme contingente de desempregados, permite ao capitalista pressionar os salários para um nível inferior; essa é a função primária que o exército industrial de reserva, desempenha no capitalismo. Trata -se de um poderoso instrumento para que o capitalista incremente a exploração da força de trabalho, pode-se afirmar :os orçamentos, dos salários são exclusivamente REGULADOS PELA EXPANSÃO E CONTRAÇÃO DO EXERCITO INDUSTRIAL DE RESERVA”(PAULO NETTO, 1998, p.134).

Segundo Paulo Netto (1998), No capitalismo os trabalhadores aceitam baixos salários, ou seja, sua venda de força de trabalho de forma desrespeitosa aos seus direitos, para não ficarem sem seu meio de sobrevivência, é a forma encontrada para se manter no mercado de trabalho, pelo contexto de exploração da força de trabalho realizada pelo capitalismo que usa estratégias de regulação e expansão e contração com salários baixos para o exército industrial de reserva¹, gerando a imigração com pequeno prazo de investimentos, que temporariamente é aspecto eliminável dentro da trabalho do proletariado só pode aumentar sob a condição de produzir novo trabalhador assalariado com objetivo de explorá-lo novamente em sua forma atual, considerando o capitalista e o trabalho. Ser capitalista significa ocupar não somente uma posição pessoal, mais também uma posição social na produção. O capital é um produto coletivo que só pode ser posto em movimento pelos esforços combinados de muitos membros ,por proletariado, a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo seus meios próprios de produção, se reduzem, a vender a força de trabalho para poderem sobreviver”. Karl Marx é o pensador cujo conceito de proletariado é o mais utilizado até hoje.

Para Marx, a luta de classes é o grande motor da história, um período em que as contradições ,dentro do segmento, capital e trabalho mais se destaca , principalmente no surgimento das indústrias, onde os trabalhadores tinham que se conformar com o tipo de exploração que eram submetidos ,para sobreviverem devido ,a situação da classe trabalhadora, que não possuem seus meios de produção, sendo obrigados a venderem sua força de trabalho, onde também estão em busca de um salário melhor, pelo fato de sua exploração ser remunerada de forma reduzida , que contribuiu para que os trabalhadores procurassem em forma de manifestações, ou seja, movimentos operários que serviram como forma de reivindicarem melhores condições de trabalho e remuneração, ou seja ,aumento de salários pois estavam sendo rebaixados. Exército industrial de reserva é um conceito desenvolvido por Karl Marx em sua crítica da economia política, e refere-se ao desemprego estrutural das economias capitalista. O exército de reserva corresponde à força de trabalho que excede as necessidades da produção. Para o bom funcionamento do sistema de produção capitalista e garantir o processo de acumulação, é necessário que parte da população ativa esteja

permanente e desempregada. Esse contingente de desempregados atua, segundo a teoria marxista, como um inibidor das reivindicações dos trabalhadores e contribui para o rebaixamento dos salários, que trouxeram muitas revoltas dos trabalhadores dentro desse novo modo de produção, onde os trabalhadores trabalhavam de uma forma alienada, e com o surgimento das indústrias, não só o salário como também com o desemprego, em que fizeram com que aumentasse assim as revoltas, por parte da classe trabalhadora, onde com o surgimento das máquinas que fizeram com que os trabalhadores fossem substituídos, e trouxeram consigo o desemprego.

De acordo com, Paulo Netto (1997, p.70).

Acerca desse momento, o autor, Paulo Netto, fala sobre o desenvolvimento do comércio. "O desenvolvimento do comércio, não vai apenas romper com o caráter autárquico da economia feudal e suas limitações terá da nobreza por mercadorias (especialmente as trazidas do Oriente pelas caravanas de mercadores). Que não podiam ser obtidas por meio de saques ou guerras, mas trocadas por dinheiro, começará a conferir a este uma função privilegiada na sua vida social; (PAULO NETTO, 1977, p.70).

Segundo o autor Paulo Netto (1977), o trabalho assalariado é uma forma de exploração e possui termos de contradição, que com o passar do tempo, se obteve um certo conhecimento de um sistema que começou precocemente no período da burguesia no Séc. XVIII e no início do Séc. XIX com o surgimento da indústria na Inglaterra. As indústrias surgem tomando espaço no mercado de trabalho, dentro do sistema capitalista e logo os trabalhadores são explorados e continuam em um sistema que não respeita seus direitos a salários dignos. .

De acordo com (ENGELS, 1999, p.121)

Para falar com clareza: o operário é, de direito e de fato, um escravo a ponto de ser vendido como uma mercadoria e, tal, como uma mercadoria, seu preço aumenta e diminui. Se procura por operário cresce, seu preço sobe; se diminui, seu preço cai; e se procura cai, e se cai, a ponto de um certo número de operários não ser vendável eles ficam como, que em estoque e, como não há emprego que lhes forneça meios para subsistir, morrem de fome. (ENGELS, 1999, p.121).

Segundo, Engels (1999) O salário é o grande mantimento de sobrevivência, mesmo que não seja, o que trabalhou durante uma jornada de trabalho, estabelecida em ritmo fabril, ou seja, o resultado de sua força de trabalho, que é vendido para garantir sua sobrevivência dentro de uma severa exploração. Essa guerra pela vida, pela existência, em caso de necessidade, por ser uma guerra de morte não se tratava, entre as diferenças de classes da sociedade, mas também entre membros dessas classes, cada um constitui um obstáculo para o outro, e por isso, todos procuram eliminar quem quer, que seja cruze o seu caminho e tente disputar seu lugar, os operários concorrem entre si o que opera um tear mecânico, com umtecelão manual, ou seja, manuseamento de forma cada vez mais rápida dentro de um processo de produção, cada vez mais, acelerado conduzido conforme a demonstração dos operários de forma polivalente, que possam melhorarem o setor de trabalho, que tem como resultado do trabalhador, seja promovido dentro do mercado de trabalho.

Engels (1999) O tecelão manual desempregado ou mal pago concorre com aquele que está empregado ou é mais bem pago e procura substituí-lo, constitui um obstáculo para o outro, e por isso, todos procuram eliminar quem quer que cruze o seu caminho e tente disputar seu lugar, os operários concorrem entre si o tecelão que opera um tear mecânico com um tecelão manual. O tecelão manual desempregado ou mal pago concorre com aquele que está empregado ou é mais bem pago e procura substituí-lo. Quando surgiram as novas condições de produção em que a Inglaterra, se tornou um exemplo a ser desenvolvido, tratando-se de novas formas dentro de mudanças extensas no modo de produção em que os trabalhadores, passaram a viver em disputas, no mercado de trabalho pelo qual, são obrigados a exercerem não só seus ofícios, como também os de outros operários, e com isso se tornou uma concorrência entre os operários, em que passou a exigir uma nova condição de trabalho de forma qualificada e polivalente, para permanecerem no seu trabalho.

De acordo com o autor Paulo Netto (1978,p.107):

No caso do trabalhador assalariado, o excedente lhe é extraído sem o recurso a violência extra econômica; o contrato de trabalho implica que o produto do trabalhador pertença ao capitalista. E a falsa noção de que o salário remunera todo seu trabalho é reforçada (para além da ideologia patrocinada pelo capitalista, segundo a qual “o salário remunera todo o seu trabalho”) pelo fato de que a jornada de trabalho ser continua ele trabalhar com os meios de produção que não lhe pertencem e num espaço físico que também é propriedade capitalista .(PAULO NETTO, 1978, p.107).

O trabalho é extraído sem recurso a violência extra econômica assalariado, o contrato de trabalho implica que o produto do trabalhador pertença ao capitalista. Dentro da exploração capitalista, convém observar que este movimento de compra e venda, não se diferencia da forma ordinária da circulação das mercadorias, ou seja, a compra e venda da força de trabalho, onde os trabalhadores explorados possuem apenas sua força de trabalho pelo qual, produzem o excedente extraídos de forma individual pelos capitalistas, ou seja, movimento do dinheiro para o capitalista, gerando assim uma realidade que se compõem, o consumo dentro de uma circulação tipicamente do capitalismo e os trabalhadores explorados, não são remunerados segundo sua jornada de trabalho, obtendo baixos salários, em condições precárias para garantir seus meios de subsistência .O valor da força de trabalho tinha seu valor determinado, pelo tempo necessário para sua produção, pelo qual existem jornadas de exploração e da força trabalho, o salário para os trabalhadores na verdade nunca corresponde ao trabalho exercido, dentro da produção do excedente, que se trata da falta de conhecimento sobre o modo de produção capitalista sendo necessário que o trabalhador possa tomar conhecimento dessa teoria do sistema capitalista.O indivíduo necessita, para seu sustento ou para sua conservação, de certa quantidade de meios de subsistência necessários, para que possa começar no dia seguinte em iguais condições de vigor e saúde. As necessidades naturais, como são alimentos, vestuário, habitação aquecimento etc. Dentro de um ciclo de produção e subsistência herdados de pai para filho, que substituem em sua produção incessante de dinheiro em capital, trazendo salário para os trabalhadores, menos lucros, para os donos dos meios de produção.

A exploração dentro do capitalismo trata-se de forma alienada, em que os trabalhadores se submetem a exploração, justamente devido não serem donos dos seus meios de produção, e dessa forma suprir as necessidades de sobrevivência, ou seja, um ciclo de exploração que não tem fim dentro do capitalismo, onde se mantem o domínio de todas as formas de exploração especificamente capitalista.

De acordo com Paulo Netto,(1994,p.104)

O trabalho assalariado é a forma específica do regime a que vivem submetidos os produtores diretos no MPC. Isso significa que ele é a parte constitutiva do sistema de exploração do trabalho, que é parte constitutivas, do sistema de exploração da força de trabalho, que é do próprio. MPC por mais significativas que sejam as conquistas salariais dos trabalhadores (e elas são importantes em si mesmas, entre outras razões por que podem melhorar as suas condições de vida), não afetam do caráter explorador da relação capital/trabalho. Do ponto de vista ideológico, aliás o regime salarial contribui difundir a falsa ideia, tão cara aos capitalistas, segundo o qual, mediante o salário, os trabalhadores obtêm remuneração integral do seu trabalho (no próximo item, voltaremos a falsidade dessa ideia.(PAULO NETTO,1994, p. 104).

De acordo com o autor, Paulo Netto (1994). As jornadas de exploração da força de trabalho, se davam devido ao salário baixo para os trabalhadores que viviam de forma alienada, explorados, e impedidos de tomar conhecimento dos seus direitos, logo eles viviam do mesmo modo como se determina o valor das outras mercadorias, levando em conta o tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção, o que significadizer que o valor da força de trabalho é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzir os bens que permitem a sua manutenção (ou reprodução) (PAULO NETTO, 1978)

De acordo com Marx(1987,105):

O sistema de trabalho de noite aproveita tanto mais ao capitalista porquanto que se presta a uma escandalosa exploração do trabalhador;tem,além disso,uma influencia pernicioso sobre a saúde,porém o capitalista realiza um beneficio,que é para ele a unica coisa importante.(MARX,p.105,1987)

O valor de uso entregue pelo trabalhador ao comprador se mostra em seu emprego no consumo da força de trabalho vendida, que é por sua vez a produção de mercadoria fora do mercado fora do domínio da circulação por consequência temos de sair desse domínio e penetrar na produção, para conhecer o segredo de produção e fabricação .Dentro desse ponto os possuidores da força de trabalho ,eles são explorados de forma alienada e são impedidos de terem conhecimento teórico sobre sua exploração ,e ao que se submetem dentro da produção capitalista Em todos os períodos sejam eles de escravidão, senhores feudais ou capitalistas, sempre houve a exploração, principalmente depois do surgimento do excedente, que trouxe a verdadeira tirania, diante dos trabalhadores que lutam pela sobrevivência, nos tempos primitivos, e atualmente lutam tanto pelos direitos, como também pela melhoria, na condição de explorados.

Sem dúvida desde que a forma econômica de uma sociedade seja tal forma que nela se considere a melhor utilidade de uma coisa, que a quantidade de ouro e prata porque troca-se por outra o valor de uso, melhor que o valor de troca ,o sobre trabalho encontra o limite nas satisfação de necessidades determinadas, pelo contrário quando domina o valor de troca chega e será lei de fazer trabalhar ,quando os povos cuja a produção se opera ainda formas inferiores da escravatura e servidão ,são atraídos pelo mercado internacional, onde domina o sistema de produção capitalista ,e quando por esse fato o seu interesse principal chega a todo comprador procura tirar do emprego da mercadoria comprada o maior partido possível ,neste sentido ,trabalho o capitalista e o comprador da força de trabalho tem um móbil único ,acrescentar o seu capital absorver todo trabalho possível.”(MARX ,1987, p.102).

Segundo o autor, Karl Marx ,(1987). Trata-se da exploração da força de trabalho gera problemas tanto físicos como também, psíquicos pelos gastos de concentração no trabalho ,para produzir com qualidade e em quantidades consideráveis para garantir grande produção, com eficiência o que poderia garantir, é um determinado tempo condicionado ao descanso do operário, onde seria eficaz para seu melhor desempenho em sua jornada de trabalho mais reduzidas, dentro de um direito que precisa ser estabelecidos, como direitos primordial para o operário estabelecido por leis dos direitos dos trabalhadores.

Os números/os pequenos, sobreviverem com dificuldades ,um único industrial é regulado pela concorrência é repartido entre seus iguais , a tendência centralizadora do capital os esmaga :para cada uma centena ,pressão exercida pelo único rico que pode vender a preços mais baixos ,que os praticados por eles enquanto desde as enormes dificuldades ,a sorte não é a melhor com os pequenos patrões que o tempo torna-se, patrões que com as industrias a única diferença é que, no primeiro caso poderão com o tempo, torna-se pequenos, Os patrões não só em verdadeiros burgueses, porque trabalho mas o produto acabado, porque o trabalho dos aprendizes nem são verdadeiros burgueses do próprio trabalho mas o produto acabado, porque vivem essencialmente de seu próprio trabalho deve-se esse o fato de trabalhadores.(ENGELS ,1961, p.233).

De acordo Engels (1961).Os números/os pequenos, sobreviverem com dificuldades ,um único industrial é regulado pela concorrência é repartido entre seus iguais , a tendência centralizadora do capital os esmaga :para cada uma centena, pressão exercida pelo único rico que pode vender a preços mais baixos ,que os praticados por eles enquanto desde as enormes dificuldades ,a sorte não é a melhor com os pequenos patrões que o tempo torna-se, patrões que com as industrias a única diferença é que , no primeiro caso poderão com o tempo, torna-se pequenos.Quantidades consideráveis para garantir grande produção com eficiência, o que garante , mais lucro para os grandes capitalistas e compradores exigentes, dentro de uma concorrência nacional e internacional, com o surgimento da concentração e centralização que foi o surgimento dos monopólios.

Pelo qual é de grande utilidade dentro do sistema capitalista, garantindo assim a junção, do capital comercial e bancário que deu origem ao capital financeiro, pelo qual contribui financeiramente, para compra de máquinas avançadas tecnologicamente, para concorrer com as indústrias estrangeiras, que atribuíram ao modo de produção capitalista avançado tecnologicamente.

Contudo, também nela encontramos um grande número de estabelecimentos que trabalhavam por conta de capitalistas e nos quais vige interiormente o sistema fabril, neles a divisão do avançado (por exemplo fabricação de agulhas) e a utilização vapor que permite o cargo de emprego de mulheres e crianças, cuja situação em que, o francês no original democrático industrial no estado doméstico e em parte, patriarcal um fenômeno extraordinário, a democracia industrial numa grande cidade e nas oficinas que o vapor movimenta. (ENGELS,1961, p.233)

Segundo o autor ,Engels (1961), trabalho permitido a exploração da força de trabalhadores a precocemente, a normalidade do trabalho exercido por crianças, ou seja ,exploração infantil ou trabalho de mulheres no sistema fabril ,pessoas sendo substituídas pelas máquinas trazendo assim trabalhadores cada vez mais pobres dentro do mercado de trabalho ,crianças cada vez menores da idade na fábrica, trazendo doenças as classes trabalhadoras, dentre elas dores de cabeça, distúrbios muitas moças muito numerosas, nesse trabalho ,anemia contudo ,o trabalho mais nocivos á saúde consiste em afiar lâminas ,e talheres pedra seca ,acarreta inevitavelmente levadas a morte precoce .Exitem atualmente, pessoas que saíram da zona rural em busca de melhores condições de vida, e se mudaram para zona urbana ,e ainda muito jovens ,e que até hoje ,sofrem com sequelas do trabalho,onde carregam problemas como por exemplo:invalidez,problemas tanto fisicos como psicológicos. Porque era a única forma de sobreviver e sustentar a si mesmo e sua familia.

O processo de produção capitalista reproduz [...], Mediante seu próprio procedimento, a separação entre força de trabalho e condições de trabalho. Ele reproduz e perpetua, com isso, as condições de exploração do trabalhador. Obriga constantemente o trabalhador a vender a sua força de trabalho para viver, e capacita constantemente o capitalista a compra-la para se enriquecer [...]”o processo de produção capitalista, considerado como um todo articulado ou como processo de reprodução, produz, por conseguinte não apenas a mercadoria, não apenas a mais-valia, mas produz e reproduz a própria relação capital, de um lado o capitalista, do outro o trabalhador assalariado.(PAULO NETTO, 1980, p.137).

De acordo com Netto, (1980).Processo de produção capitalista se reproduz, mediante seu próprio procedimento, a separação entre força de trabalho e condições de trabalho. Ele reproduz e perpetua, com isso, as condições de exploração do trabalhador. Se entende que dentro da escassez dos meios de produção ,os trabalhadores podem contar ,apenas com sua força de trabalho ,é explorado para que garantam a sua sobrevivência ,e para o enriquecimento do capitalista explorador, que garantem não só a produção de mercadorias, que delas não extraem tão somente a mais-valia, mais articulação de explorador e explorado assalariado com intenção de garantir sua forma de explorar sem que os operários conheçam a teoria ,em que verdadeiramente estão inserido.

De acordo com Netto(1978,p.107).

A experiência cotidiana dos trabalhadores não lhe permite apreender a distinção entre o trabalho necessário e o trabalhador excedente :na jornada de trabalho não há nenhuma divisória perspectiva entre ambos sob esse aspecto, o trabalho assalariado (trabalho livre) é mais ocultador da exploração servil e o escravo.Com efeito, para o escravo ,a identificação da exploração pode ser quase imediata: nada do que produz lhe pertence; quanto ao servo ,o fato de produzir em lugares diferentes (nas terras do /senhor e na gleba ,donde retirava a parte que lhe cabia de produção)facilitava a percepção de que o senhor lhe extraia partes do produto do seu trabalho. Ademais, tanto no caso do escravo como no servo, apropriação do excedente que produziam era assegurada pelo uso da violência extra- econômica. (PAULO NETTO ,1978, p. 107)

De acordo com Paulo Netto (1978). A experiência cotidiana dos trabalhadores não lhe permite apreender a distinção entre o trabalho necessário e o trabalhador excedente: na jornada de trabalho, não há nenhuma divisória perspectiva entre ambos sob esse aspecto, o trabalho assalariado (trabalho livre). É mais ocultador da exploração servil e o escravo com efeito, para o escravo, a identificação da exploração pode ser quase imediata: nada do que produz , Pertence, nenhum dos trabalhadores conhecem o regime de exploração, nem do que se trata as jornadas extensas ou reduzidas, que se apresentam no processo de produção, nem das comunidades primitivas, onde se estenderam o excedente muito menos no que resultou depois que se gerou o excedente,e também a consolidação da Revolução Industrial, o que causou tanto desemprego e prejuízos para quem necessitava vender sua força de trabalho e garantir sua sobrevivência.

De acordo com Netto (1978,p.107).

No caso do trabalhador assalariado, o excedente lhe é extraído sem recuso a violência extra econômica; o contrato de trabalho implica que o produto do trabalho do trabalhador pertença ao capitalista. e a falsa noção de que o salário remunera todo o seu trabalho é reforçada (para além da ideologia patrocinada pelo capitalista segundo a qual o salário é o pagamento do Trabalho) pelo fato de a jornada de trabalho ser continua e de ele trabalhar com meios de produção que não lhe pertencem num espaço físico que também é de propriedade do capitalista.

Por isso, a maioria dos operários sente a exploração- tratando-a como uma injustiça-, mas não mente a análise teórica da produção capitalista, conduzida numa perspectiva de defesa dos interesses dos trabalhadores, que pode esclarecer e o verdadeira caráter da exploração capitalista. (PAULO NETTO,1978, p.107

Conforme ,Paulo Netto (1978) Na ideologia marxista existem muitas prescrições em que se explica a teoria capitalista, em que os trabalhadores explorados jamais tomaram conhecimento teórico de sua condição dentro do mercado da produção, depois que se consolidou as Industrias e seus aperfeiçoamentos no meio da produção, que trouxeram consigo o desemprego e alienação dos trabalhadores explorados que imaginam que os salários correspondem a toda sua força de trabalho, atribuídas dentro da jornadas de trabalho.

Apenas os capitalistas tem direito a maior parte da riqueza produzida coletivamente ,onde o único que tem todo o lucro e poder aquisitivo são os capitalistas,que exploram a classe trabalhadora e ganham ,apenas seu salário que é muito menor do que os bens apropriados pelos capitalistas , mais que garantem sua sobrevivência,mesmo dentro de toda contradição e antagonismo. Isso porque quando o capitalismo ,é o sistema que se solidificou ,dentro de uma exploração intensa, levando seus explorados, a alienação trabalharem sem pensar em condições melhores para sua vida, como o lazer os trabalhadores dentro desse sistema estão alienados de uma forma tão intensa que não enxergam outras perspectivas de vida, a não ser garantir sua sobrevivencia ,sem se preocupar com as doenças que trazem, para sua vida ,essa forma de trabalhar alienadamente faz com que o explorado,trabalhe sem discutir o salário,em suas jornadas extensas e quando chegam a perceber as formas e condições em que vive,o estado tenta ludibriar trazendo beneficios que favoreçam o controle da classe trabalhadora, para que os trabalhadores não cheguem a se revoltarem com manifestações, e gerando conflitos dentro do que o sistema.

2.2 Pobreza na Particularidade do Capitalismo

Depois que surgiu o excedente econômico, o que assinala o trabalho constante da comunidade primitiva, para acumular, os camponeses foram expulsos de suas terras, e com pouco que restou de suas mercadorias, foi necessário venderem sua força de trabalho, em que a única maneira de sobrevivência, dos capitais adicionais constituídos no transcurso da acumulação normal, e servem preferencialmente como veículo para a exploração de novas inovações e descobertas sobretudo de aperfeiçoamentos industriais.

De acordo Paulo Netto(1985,p.113):

E é o próprio da grande indústria a constituição do que se denomina trabalhador coletivo. com essa categoria, quer-se designar que a produção, sob a grande indústria, envolve mais que as funções desempenhadas imediatamente pelos operários(proletários)que entram de contato direto com as matérias que, modificada, constituirão as mercadorias _o trabalhador coletivo é o conjunto dos envolvidos na produção, desempenham eles atividades manuais ou não: sob a grande indústria capitalista, na qual operou a subsunção do trabalho ao capital, "não é o operário singular, mas, cada vez mais uma capacidade de trabalho socialmente combinado que se converte no agente real do processo do trabalho em seu conjunto. ("apud Karl Marx, 1985:78-79).(PAULO NETTO, 1985,p.113).

De acordo com o autor, Paulo Netto ,(1985). Produção capitalista, logo após o acúmulo do excedente, em que foi necessário vender as mercadorias que lhe restavam, e devido ao surgimento da exploração da força de trabalho, também o início da Industrialização, quando se consolidou a Revolução Industrial, em que a mão de obra dos operários passou a serem substituídas pelo aperfeiçoamento da produção de mercadorias, que se refere a agilidade de produção através das máquinas. Se regula a demanda de trabalhadores, e o controle do modo de produção da mercadoria, que às vezes acelera e travam quando são produzidas rapidamente.

O proletariado é desprovido de tudo entregue a si mesmo, não sobreviveria um único dia, porque a burguesia se arrogou ao monopólio de todos os meios de subsistência no sentido mais amplo da expressão. Aquilo de que o proletariado necessita, só pode obtê-lo dessa burguesia, cujo o monopólio é protegido pela força do Estado. Eis porque o proletariado, de direito e de fato, é escravo da burguesia, que dispõe sobre ele de um poder de vida e morte ela lhe oferece os meios de subsistência mais em troca de um equivalente seu trabalho. Eis que a concorrência entre os proletariados, se todos os proletariados afirmam-se sua decisão de morrer de fome para sua burguesia, está a possibilidade é praticamente irrealizável, por isso a burguesia prospera. Essa concorrência entre os operários se dispõe a trabalhar por menos do que o necessário para sua subsistência, se deve morrer de fome. não morrerá trabalhando. (ENGELS,1999, p.118)

Segundo o autor, Engels (1999) o proletariado é desprovido de tudo entregue a si mesmo, não sobreviveria um único dia, porque a burguesia se arrogou ao monopólio de todos os meios de subsistência no sentido mais amplo da expressão Toda a diferença com relação a escravatura declarada na antiguidade, se tratava dos escravos que eram utilizados como mercadoria, logo depois surgiu uma nova condição de trabalho, em que o operário moderno parece ser livre, uma vez que não é vendido de maneira definitiva, mais pouco a pouco, diariamente, semanalmente, anualmente ,ou seja, não é vendido de proprietário para proprietário, como antigamente ,por outro lado o que lhe traz a desvantagens, é de que ninguém pode lhe garantir a sobrevivência ,com o risco de ser despedido pelo patrão e qualquer momento a condenado a morte ,pela fome a partir do instante em que a burguesia tem interesse em mantê-lo vivo ,por seu turno.

Donde toda razão de assistir a este quando formula a segundo o qual: A demanda de trabalhadores, assim como a demanda de qualquer outra mercadoria regula sua produção ,ou seja, a quantidade de indivíduos produzidos, uma vez acelera quando é muito lenta e a trava quando é muito rápida(ENGELS,1999 p.121-122).

Conforme o autor, Engels (1999)Concluindo que o forte empresário tratam como escravos ,até mesmo nos dias atuais, não se preocupando nem um pouco com as condições de sobrevivência dos trabalhadores ,tão somente exploram os operários

já que os mesmos não possuem os meios de produção, tendo assim vender sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência. Conforme o autor, Engels (1845) . A demanda de trabalhadores, assim como a demanda de qualquer outra mercadoria regula sua produção, ou seja, a quantidade de indivíduos produzidos, uma vez acelera quando é muito lenta e a trava quando é muito rápida .Todas as relações humanas são subordinadas ao imperativo do lucro e aquilo que não propicia ganhos é visto como algo insensato, inoportuno e irrealista. É por isso que a economia política, ciência que se ocupa meios de ganhar dinheiro. Portanto o único e verdadeiro interesse dos capitalistas.

A Relação entre o industrial e o operário não é uma relação humana: É uma relação puramente econômica o industrial é o "Capital", o operário é o "trabalho" e quando o operário se recusa a enquadrar-se nessa abstração quando afirma que não é apenas trabalho mas um homem que, entre outras faculdades, dispõe da capacidade de trabalhar ,quando se convence que não deve ser comprado e vendido enquanto trabalho como qualquer outra mercadoria no mercado, então o burguês se assombra um homem não vê no operário um homem vê mãos e sim qualificação que atribui sistematicamente.(ENGELS,1843, p.308).

De acordo com o Autor Engels (1843), a relação industrial e o trabalhador, não é uma relação de boas intenções, são bases econômicas de onde se extrai a mais valia, ou seja, da exploração da força trabalho é meramente insignificante, usando como mercadoria. Compra de exploração da força de trabalho, é uma relação apenas de compra e venda de mercadoria, tendo como base não se importar com o bem estar do operário tendo uma relação tão somente econômica, com intuito de gerar extração de mais valia visando o lucro. Nisso a pobreza se manifesta com trabalhadores explorados de forma alienada, as vezes sem assistência nenhuma da empresa que trabalha, sendo sujeitos ao desemprego as doenças, resultantes da exploração que vivem no mercado de trabalho, sendo mal remunerados gerando uma lei de acumulação, seu meio provedor passa a ser intervenção estatal é de certa forma neutralização, com o uso de benefícios para combater a pobreza na particularidade do modo de produção capitalista.

Os operários destituídos pelas máquinas e que ficam a disponíveis encontram-se a disposição de todo novo capital no momento de entrar em jogo. Que esse capital os ocupe a eles ou a outros, o efeito sobre a procura geral de trabalho, será sempre nulo produzir, arrojam as máquinas se retira mais, a procura geral do trabalho aumentará só com a diferença entre os braços que atraí e os que a máquina haja substituído. O aumento que, por efeito de novos capitais em vias de colocação, teria tido a procura geral de braços, encontra-se, pois, em todo o caso, anulada até a ocupação dos braços arrojados ao mercado pelas máquinas. (KARL MARX ,1818 p. 205).

Segundo Marx,(1818).Os trabalhadores destituídos de seus meios de produção ,se submetem, a qualquer tipo de trabalho informal, para os trabalhadores se manter dentro do mercado de trabalho, e manter suas necessidades como: alimentos, vestimentas coisas básicas, dentro de uma situação precária garantir sua sobrevivência dentro de um sistema capitalista e etc.Pois atualmente as pessoas estão sujeitas ,a trabalhos tercerizados,onde são obrigados a exercerem o trabalho de forma eficaz,ou seja, qualifida de forma polivalente.

De acordo com esse momento o autor, Paulo Netto, (1968,p.138).

Uma Formulação teórica data de 1867,- e o desenvolvimento das sociedades capitalistas vem comprovando a referida tendência histórica .retorne o leitor a essas duas últimas transcrições que fizemos da análise de Marx e verifique com a evolução do capitalismo (PAULO NETTO,1968,p.138).

Segundo Paulo Netto,(1968) de tendência de Marx um grande materialista, que em suas prescrições, permanecem todo esse período de evolução do capitalismo como fator eliminável, depois da acumulação capitalista ,ora a questão social é determinada pela lei geral de acumulação ,com a chegada do capitalismo e com isso o trabalhador o que lhe resta é lutar pela sua sobrevivência, vendendo sua força de trabalho em troca de salário, onde se tem a consolidação do trabalho assalariado.A reserva surge a partir de pessoas desempregadas, que é o pauperismo oficial, em um período de surgimento do sistema capitalista, trazendo consigo vulnerabilidade antagonismo, que nem todos tem acesso ao que é produzido levando a lei da acumulação.

A lei da acumulação surge dentro de um processo de crises ,devido ao aumento de acúmulo de mercadorias, fazendo com que a exploração da força de trabalho, fossem vendidas em troca de salário, já que não possuem outros meios de sobrevivência, onde o trabalhador é um pouco mais prejudicado, ao contrário do que se pensa a diminuição do capital, aumenta de forma expressiva, esses movimentos, e foram bastante expressivos e importantes para a população em que os explorados ,desde o surgimento da indústria.No século XIX na revolução ocorrida na Inglaterra com o surgimento de máquinas que levaram pessoas ao desemprego.

E o Exército industrial de reserva ,é definido na concepção de Marx a superpopulação relativa, adquire variados conceitos sendo três deles as categorias que são principais :a fluente quando nelas se é constituída pelos trabalhadores nas grandes indústrias e minérios ora estão empregados ora não possuem trabalho ,a categoria latente que existem nas áreas rurais quando nelas se desenvolvem relações capitalistas em que surge a oportunidade que migram para zonas industriais ; existe também a categoria e a superpopulação relativa estagnada ,formada por trabalhadores que não conseguem emprego fixo e buscam uma ocupação e outra. (PAULO NETTO, 1998, p.134).

Segundo Paulo Netto, (1998). Em outras experiências de trabalho, ou trabalhadores que nunca entraram no mercado de trabalho, mas mostram as suas experiências, porém existem situações que não se conseguem se inserir em vagas de emprego, porque um dos aspectos mais constantes no capitalismo é o desemprego e conseqüentemente pobreza.

De acordo com esse momento o autor (ENGELS,1833,p.316) Comenta:

Intolerável aos olhos da burguesia em 1833, quando mal chegava ao poder, através da reforma e quando simultaneamente, a miséria das regiões rurais atingia o clímax a burguesia meteu rapidamente mãos à obra para reformar segundo seus princípios a Lei sobre os pobres. Engels, pela qual a comunidade, tinha o dever de garantir a manutenção dos pobres; quem não dispunha de trabalho recebia um subsídio e com o tempo, o pobre convenceu-se que a comunidade tinha de protegê-lo da fome, ele passou a receber seu auxílio semanal, como um direito e não como dádiva o que ao fim tornou-se de acordo.

Conforme Engels ,(1820),Pelo fato da lei dos pobres surgiu uma certa dúvida, de que seria um direito ou uma dádiva de caridade da burguesia, mas a comunidade chegou a uma conclusão que era dever e um direito de protegê-los da fome. E aos olhos da burguesia, com reformas dentro da lei de pobres, chegou a prejudicar, pois foram trazendo miséria das regiões rurais, que obrigaram os trabalhadores a imigrarem para zona urbana:

Nomeou-se uma comissão que investigou a administração dos fundos alocados a lei dos pobres e descobriram abusos. Descobriram as estratégias da burguesia para manter a neutralidade e exploração do sistema capitalista. Constatou-se que todos os trabalhadores que viviam no campo eram o pauperismo e dependiam , totalmente ou parcialmente da caixa dos pobres, que quando o salário baixava ofereceu-lhe um suplemento verificou-se que este sistema articulado para garantir a sobrevivência dos desempregados.(ENGELS,1833, p.316).

De acordo com Engels (1833) o surgimento do pauperismo dentro de uma lei vivia em situação de vulnerabilidade social, e dependia de um direito parcialmente, das caixas dos pobres pois quando o salário baixou, e descobriram que existia uma articulação para garantir a sobrevivência de trabalhadores em estado de desemprego, que faz parte da categoria do pauperismo. Que se trata do benefício para os trabalhadores no pauperismo,e foi descoberta de que o baixar de salário era uma articulação para redistribuir em forma de auxílio com o próprio dinheiro dos explorados, essa caixa dos pobres foi uma das maneiras de política social, dentro de uma categoria conhecida como pauperismo onde se trata de trabalhadores desempregado.Essa contradição leva os homens ,ao cabo de um certo tempo, por via da busca individual pelo crescimento econômico e desenvolvimento do capitalismo, diante de uma contradição e antagonismo ,dentro da existência de duas classes diferentes e os chamadas possuidores dos meios de produção ,e outros donos apenas de sua força de trabalho, pelo qual são obrigados a vender sua força de trabalho, para garantir a sua sobrevivência, ou seja, de um lado os exploradores e do outro explorados sendo substituídos pelo Estado, assegurando condições necessárias de produção do excedente, para regularização da situação em que se deu a contradição, equilibrando-as ,ou seja, regulando-a de forma neutra.

De acordo com Engels (1833) O estado um título de poder centralizado no absolutismo trazendo uma lei sanguinária em forma de regular disciplinar os camponeses na ordem, onde no modo de produção feudal, os camponeses foram expulsos de suas terras tendo como meio de subsistência vender sua força de trabalho, dando esse período do absolutismo gerando a exploração da venda da sua força de trabalho. Transformando uma grande massa de: esmoleiros, assaltantes, vagabundos em pôr predisposição e na maioria dos casos por forças resultantes circunstanciais. Por não se inserirem no mercado de trabalho, as vezes não terem oportunidade, pela escassez de emprego dentro de regiões rurais, sem expectativas de melhorar asua subsistência, sendo assim migram para zona urbana em busca de conseguir o emprego, mas na maioria das vezes não conseguem entrando outra vez na situação de pauperismo. O desemprego é uma situação que envolve a substituição do trabalho com o expandir da industrialização, a experiência do trabalho do que é produzido uma forma de não armazenar produtos de forma continuar funcionando a circulação da economia trazendo também contradições e o antagonismo que suas categorias dentro do sistema de exploração, onde foi necessário para a sobrevivência de uma classe trabalhadora o que causa o desemprego ,é o surgimento de indústrias ,vem tomando espaço dentro do sistema capitalista e o trabalhador fica sem condições de entrar no mercado de trabalho e traz a condição de desemprego entrando em condições de categóricas principalmente.

O capitalismo e as consequências de sua junção ,que pode trazer o geral do que capitalismo gera também de uma forma mais objetiva trazer dessa forma um momento de estudo ao decorrer dos séculos, geralmente dentro de um quadro social apresentados diante de situações de antagonismo e contradições não só fruto do sistema capitalista mais também pré- capitalistas, desde a época medieval de crises e retrocessos que geraram, após o surgimento de uma questão social ligada aos meios de sobrevivência como trazer o desemprego gerando uma pobre.

De acordo Engels (1833) o excedente dentro de uma condição de trabalho, a divisão do trabalho servil e escravo, como trabalho explorado de tal forma condicionado, ao não acesso ao que é produzido, e servo que é produzido em lugares diferentes. Onde essa exploração não é compreendida dentro ambiente

atual, pelo qual os capitalistas, impedem o acesso ao conhecimento da teoria. A jornada de trabalho implica ao tempo que é produzido o excedente, dentro de um trabalho que se define o salário recebido, pelo que se remunera o trabalho explorado. Depois da acumulação primitiva a produção do excedente, surgem consigo as contradições onde se origina divisão de classes sociais que trouxeram consigo o antagonismo, que é não ter acesso ao que é produzido, onde se consolida o sistema capitalista. Onde se tornou necessário os trabalhadores desfavorecidos do que se produz são obrigados a vender sua força de trabalho, para de algum modo possa ter acesso ao que é produzido para suprir sua necessidade física e mental.

Segundo Paulo Netto, (1873) onde o sistema capitalista se explora o trabalhador, que se não enquadram no capitalismo, passa a não ter como garantir sua sobrevivência, chegando a contradição dessa forma sistema capitalista, onde se encontra categorias, dentro da Lei geral de acumulação gerou-se a questão social, que dentro desse desenvolvimento capitalista onde encontra-se a pobreza generalizada em categorias dentro do modo de produção capitalista. Apesar dessas providências que sinalizam o redimensionando do papel do Estado, em face da dinâmica econômica, o desenvolvimento do capitalismo, ao longo de toda segunda metade do século XX e na entrada do século XXI continuou alternando prosperidade continuou alternando prosperidade e depressão (ou recessão, que designa uma depressão menos violenta) o que aponta para caráter eliminável das crises. Logo se faz necessário entender a nova condição de trabalho na sociedade capitalista, onde o ciclo econômico nunca tem um final, é sempre começando bem com as produções e vendas lucrativas, e depois com o tempo começa a acumulação de produtos que se tornam produtos estocados sem que ninguém consuma e isso nos faz entender, que a superprodução, começa bem com um grande lucro e com um tempo os trabalhadores, já não podem consumir os produtos devido as crises econômicas, que se tratam do desemprego, motivo pelo qual, se acumulam as mercadorias dentro das lojas, trazendo consigo, o que faz parte do modo de produção capitalista, que é uma condição de crise que nunca se finaliza, ou seja, as crises econômicas, é uma das características inevitáveis dentro do modo de produção capitalista, ou seja, não existe capitalismo sem crises.

3 SOCIEDADE CAPITALISTA E A NOVA CONDIÇÃO DO TRABALHO

Depois que surgiu o capitalismo concorrencial, dentro de um sistema econômico Internacional exatamente uma economia mundial, a partir do sistema capitalista dentro de uma formação de mercados, bancos, comércio criando uma nova ascensão de uma nova classe social, de operários donos da força de trabalho e os capitalistas donos dos meios de produção.

De acordo com esse momento o autor (ENGELS, 1833, p.117) comenta:

A concorrência e a expressão mais completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa. essa guerra, uma guerra pela vida, pela existência, por tudo e que, em caso de necessidade, pode ser uma guerra de morte, não se trava apenas entre as diferentes membros classes da sociedade, mas também entre os diferentes membros dessa classes: cada um constitui um obstáculo para o outro e, por isso, todos procuram eliminar quem quer que se lhes cruze o caminho e tente disputar seu lugar. os operários concorrem entre si tal como os burgueses. (ENGELS, 1833, p.117).

Segundo Engels (1981). Surgiram relações sociais entre exploradores donos e explorados que permearam dia a dia das indústrias. Com as novas condições postas por efetivamente deslocamentos ao processo produtivo têm implicação e expansão de fronteiras que se tornam cada vez mais amplas e complexas as operações e atividades múltiplas, ou seja, essa força trabalho deve ser qualificada e polivalente de fato, nos setores de ponta da produção o trabalhador, qualificado já não é mais um operário acionador controlador, aplicada e manipulação e manipulador cabe ressaltar, contudo, que paralelamente àquelas exigências, ocorre um movimento inverso muitas atividades laborativas são desqualificadas, de forma que emprega uma força de trabalho que pode ser substituída a qualquer momento. Assim no conjunto dos trabalhadores, encanta-se uma parte extremamente qualificada, que em geral conseguiu um mínimo de segurança no emprego e uma grande parcela de trabalhadores preconizados, ou seja, quanto mais o tempo, as tecnologias vão se alastrando em toda a sociedade, principalmente nos países que adotaram seus modos de produção dentro do capitalismo.

3.1 Organização taylorismo-fordista: a nova realidade do trabalho assalariado

A força de trabalho tornou-se rígida, devido a nova forma de organização taylorista – fordista, dentro de um controle da força de trabalho ,pelo dispositivo fabril de tecnologias mais avançadas, onde estamos sujeitos a trabalharmos demonstrando habilidades no manuseamento das máquinas, dentro das indústrias,com demonstração de polivalência dentro do mercado de trabalho,para que os trabalhadores ,possam conseguir melhores setores ,em que possam trabalhar de forma menos exaustivas dentro de qualquer que seja,sua profissão dentro de uma exploração de forma assalariada.

De acordo com Paulo Netto,(1995,p.217):

Relaciona-se a gestão desse força de trabalho acumulação rígida e organização taylorismo-fordista é reciclado o controle da força de trabalho pelo capital recorre as formas diversas daqueles as dispositivíssimo fabril, apelando a participação “ e envolvimento “ dos trabalhadores ,valorizando “a comunicação” e a redução das hierarquias mediante reutilização “de equipes de trabalho. (PAULO NETTO,1995,p.217)

Segundo Paulo Netto (1995) Disposto a serem aceitos com o envolvimento dos trabalhadores ,valorizando e comunicando e redução das equipes de trabalho em suas relações estabelecidas que geraram estímulos os seus direitos através do sindicalismo, pois o capitalismo empenham-se em camufla ou seja, agir de forma neutra, convencendo de que não existe explorados trazendo uma falsa conscientização de que a casa é sua empresa e dessa forma compreensiva garantir êxito dessa falsa ideia de que empregados não são explorados mais são remunerados segundo as jornadas de trabalho estabelecida. Os capitalizados empenham-se em quebrar a consciência de classe dos trabalhadores, utiliza-se o discurso de que a empresa é a sua casa e que eles devem vincular o seu êxito da empresa; não por acaso, os capitalistas já se referem a eles como operários ou empregadores que agora são colaboradores cooperadores associados etc.

O empenho de quebrar a consciência dos trabalhadores para eles não desenvolverem ideias de movimento operário, como a criação de sindicatos que podem melhorar de forma significativa, e garantindo as reivindicações de seus direitos trabalhistas. Depois que surgiram vários movimentos dos trabalhadores, que se deu direitos aos trabalhadores devido aos descontroles ou seja, para que de certa forma os trabalhadores se negassem a serem explorados dentro de ideias anticapitalistas, e com isso grassem mais conflitos entre os trabalhadores explorados e os capitalistas exploradores. Por isso deveremos consagrar o respectivo espaço a dessas diversas frações dos proletariados. Quando surgiu desenvolvimento das forças produtivas surgiram a trocas por mercadorias nessa relação do desenvolver de um processo econômico surgiram o comércio, onde a classe trabalhadora começa a viver com antagonismos com isso os trabalhadores começam a serem obrigados a trabalhar, de forma explorada as para terem acesso a mercadoria que serve para seu próprio consumo.

Segundo Paulo Netto, (1995) No século XIX o movimento operário a partir da ascensão do sistema capitalista com aceleração industrialização crescente concentração do capital e formação do monopólio no século XIX de diversos países (Inglaterra, França e Alemanha) destacaram-se com o fortalecimento de suas economias, e com a industrialização aumentou a população urbana decorrente de grandes charretes, fumaça e óleo introdução a chegada do automóvel no final do sec. XIX. A partir ascensão do sistema capitalista formação de mercados, bancos, comércio criando uma nova ascensão de uma nova classe social :os operários isto é trabalhador da indústria capitalista conseqüente, surgiram relações sociais entre exploradores donos e explorados que permearam dia a dia das indústrias. Foram suprimidas, mais impactadas, intensas e longas; pode-se dizer que as crises constituíram uma série de pequenos empresários num arco onde o crescimento econômico mostrou-se dominante.

Os anos dourados expressam exatamente esta onda longa de expansão econômico (que não foi a primeira registram-se na história do capitalismo), durante a qual crescimento econômico e taxas de lucros mantiveram-se ascendentes entre o fim da segunda guerra mundial e a segunda metade dos anos setenta, onde

surgiram a economia exportadoras e entre si foram estabelecidas intensamente essas crises, foram desenvolvidas durante grande período de produção de mercadorias e expansão nos anos dourados que se deram efetivamente

De acordo com Netto (1988,p.214):

Além disso, modificações culturais que tinham raízes nos anos imediatamente anteriores sinalizados pela contracultura ,pela revolução dos laçaram outros sujeitos na cena política, os movimentos de categorias sociais específicas ,impropriamente designadas como minorias nos quais existiam componentes anticapitalistas nos anos 70a revolta anticapitalista (nos anos 70, a revolta estudantil foi notável,assim como mobilização dos negros norte-americanos com defesa de direitos civis ,torna-se mais visíveis, também, movimento feminista. (PAULO NETTO,1988,p.214).

De acordo com Paulo Netto, (1988), Pois, na maioria dos explorados se sentem grande pressão física e psicológica, nesses períodos de crises de queda na taxa de lucro acirrado modo de exploração ,assim nos anos 69 foi estabelecido um grande movimento sindical que surgiu devido países que surgiu em busca de melhorias de salários principalmente na época da organização taylorismo fordismo, que foi um garante aliado na eficiência de produções industriais que foi o modo aglutinado em trazer melhorias ,e nos anos 70 onde classes sociais estavam reunidas por melhorias em seus direitos civil.

De acordo com Paulo Netto(1988,p.214):

A ilusão dos anos dourados é enterradas em 1974 -1975 num processo inéditos no pós-guerra , registra-se então uma recessão generalizada que envolve simultaneamente todas as grandes potências imperialista e o que se seguiu outra, em 1980-2007, na qual contou taxa de lucro voltou a descer ainda mais e o recuo do crescimento e ainda mais nítido que em 1974-1975 a onda longa expansiva e substituída por uma longa recessiva ;a partir daí e até os dias de hoje ,atuais e intervém-se a diagrama da dinâmica capitalista :agora ,as crises voltam a ser dominantes, tornando-se episódicas ao retomadas em face dessa inversão ,o capital monopolista formulou e implementa a conjunto a resposta a que aludimos na abertura e trinta anos depois ,na entrada do século XXI, tais respostas não terão o perfil da longa recessiva :o crescimento permanência reduzido as crises se mudaram ;entretanto as taxas de lucro foram restauradas .unicamente sob esse aspecto crucial, não restam dúvidas de respostas do capital foram exitosas.(PAULO NETTO,1988,p.214).

De acordo com Paulo Netto,(1998) na ilusão dos anos dourados onde ,foram 30 anos de estabilidade política e econômica onde ocorreram os melhores momentos ,em que foi saindo das melhorias ,e começaram a regredir cada vez mais,e com isso na entrada do Séc. XXI ,o crescimento continua de forma reduzida , mais melhorias foram contidas pela restauração das taxas de lucros, e tornaram-se uma resposta bastante expressiva em suas melhorias e foram bastante satisfatórias para os capitalistas.

De acordo com Netto (1995,p.215):

A recessão generalizada de 1974-1975, acende o sinal vermelho para o capital monopolista que, a partir de então, implementa uma estratégia política global para reverter, a conjuntura que lhe é francamente negativa. O primeiro passo é o ataque ao movimento sindical ,um dos suportes do sistema de regulação social encarando nos vários tipos de Welfare State com o capital atribuindo as conquistas do movimento sindical a responsabilidade pelos gastos públicos com as garantias sociais e a queda das taxas de lucro às suas demandas salariais nos fins dos anos setenta ,esse ataque se dá por medidas legais restritivas ,que produzem poder de intervenção do movimento sindical ;nos anos oitenta ,o assalto do patronado toma formas claramente repressivas de que são exemplos as ações dos governos Thatcher (Inglaterra) e Reagan(Estados Unidos).(PAULO NETTO, 1995, p.215).

Segundo, Paulo Netto, (1995) O sistema de regulação foram os governos dos Estados Unidos e Inglaterra ,se sentiram ameaçados pelo movimento sindical dos trabalhadores que já que estavam conscientes de certa forma que possuíam direitos a serem estabelecidos ,nessas medidas interviam contra os movimentos sindicais. Com a regulação utilizadas como ,Welfare state , com medidas de restrição contra movimentos sociais, contra a exploração do sistema capitalista,onde foi necessário contribuir de certa forma para que os direitos ,que pudessem ser atendidos mesmo que de forma superficial,ou seja, trazer uma medida que diminui-se as revoltas das classes trabalhadoras.

Simultaneamente começam a ser introduzidas alterações nos circuitos produtivos que deslocam cada vez mais o padrão que se consolidou nos anos dourados :esgota-se a modalidade de acumulação denominada rígida, própria do Taylorismo-Fordismo, e começa se instaurar aquela que vai caracterizar a terceira fase do estágio imperialista, a acumulação flexível esclarece o teórico Norte- Americano que se dedicou a estudá-la. (PAULO NETTO 1996 p.215)

Paulo Netto (1996). Onde trouxe inovações, utilizadas nos meios de produção ,ou seja, trouxe um meio, mais eficaz de acumulação de forma flexível ,dentro do mercado industrial ,onde os capitalistas criaram inovações no intuito de extrair cada vez mais lucros, utilizando-se da compra da força de trabalho do operário, que é explorado de forma alienada, em troca de um salário ,pois é dessa forma que o operário garante suasobrevivência.

A acumulação flexível se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimentos de serviços financeiros, novos mercados e sobretudo, taxas altamente intensificadas das inovações comercial, tecnológica e organizacional De outra ,o capital lança-se um movimento de desconcentração industrial :promove a desterritorialização da produção unidades produtivas (completas ou desmembradas) são deslocadas para novas espaços territorial (especialmente áreas subdesenvolvidas e periféricas),onde a exploração da força d trabalho pode ser mais intensa(ou seja pelo seu baixo exploração da força de trabalho pode ser mais intensa (ou seja pelo seu baixo preço, seja pela ausência de legislação protetora do trabalho e de tradição de lutas sindical).tal desterritorialização acentua ainda mais o caráter desigual e combinado da dinâmica capitalista.(PAULO NETTO, 1996, p.215).

Segundo Paulo Netto (1996) Pois na dinâmica capitalista os direitos trabalhistas são cada vez mais escassos, principalmente para as pessoas que pertencem as áreas periféricas são os mais atingidos, pois na sua comunidade não são contemplados, de acordo com os seus direitos, contribuindo assim para a intensa exploração da força de trabalho, de pessoas de extrema vulnerabilidade o que compõem a desigualdade das classes sociais dentro da dinâmica capitalista, onde a forma de exploração trata-se de empenhar os trabalhadores a se manterem no mercado de trabalho. A ordem pela qual examinarmos as diversas categorias dos proletariados decorre diretamente da história de sua gênese, que acabamos de sumariar. os primeiros proletários surgiram com indústria, foram seu produto imediato assim, pois, os operários industriais, que se ocupam do trabalho com as

matérias- primas e combustível.

Os operários cartistas, por seu turno, participavam com ardor redobrado de todas as suas lutas contra a burguesia a causa da livre concorrência trouxe tantos ônus aos operários que passou a ser declarados objeto do seu ódio profundo; seus defensores, os burgueses são inimigos. A descobertas do proletariado sobre suas questões de pobreza, direitos retirados, que por detrás disso passou a tomar conhecimento que esses direitos não oferecidos se trata da dinâmica de exploração da força de trabalho são exatamente .Os operários pode ter desvantagens da plena liberdade de concorrência, do livre- cartismo, da abolição das leis sobre cereais e, são indiferentes quando a esta, são extremamente hostis aos seus defensores é justamente nessa última questão que o proletariado. Foram criadas formas de retiraram a leis dos cereais que trazem desvantagens para sua defesa da questão social.de exploração da força de trabalho Mas também aqui encontra a diferença entre a democracia cartista e todas as formas de democracias políticas até hoje existentes .O Cartismo tem uma natureza essencialmente social. os seis pontos que representam para a burguesia radical que e que os meios políticos e nossos meios a nossa finalidade é o bem esta o cartismo e com que com reformas sociais com a finalidade e bem-estar social. (ENGELS,1825,p.268,269).

De acordo com o autor Engels (1825).Mas se seu socialismo é ainda pouco desenvolvido, se até hoje seu principal instrumento como na luta contra a miséria seja parcelamento da propriedade fundiária, já superada pelo desenvolvimento industrial e em geral a maior parte suas proposições práticas (proteção aos operários. O socialismo é fundamental importância na luta contra miséria servindo de proteção dos operários. Mais atualmente o capitalismo tem o domínio em sua totalidade ,sobre a maioria dos países ,tanto desenvolvidos como também subdesenvolvidos.hoje em dia o socialismo não é mais utilizado dentro do sistema econômico dos países ,hoje a maioria dos países adotaram o modo de produção capitalista, e é nesse modo de produção que geraram ,luta de classes e o antagonismo,onde em nossa atualidade , não temos acesso ao tudo que é produzido, devido as contradições que foram geradas , desde que surgiu a forma de produzir coletivamente ,onde se produz de forma coletiva mais apropriados por poucas pessoas, principalmente as pessoas que se encontram em situação de exploração,vulnerabilidade econômica em que não possuem renda suficiente para consumir os produtos produzidos por maior valor de custo,e isso trata -se do que é nomeado antagonismo ,ou seja ,nem todos tem acesso ao que se produz ,nessas diferenças de classes sociais,que se dividem entre os capitalistas, donos do meios de produção,e os trabalhadores que são possuidores apenas da sua força de trabalho,pela qual a vendem com intuito de garantirem um salário,para o consumo de mercadorias dentro do comércio.

3.1 A intervenção do Estado sobre o trabalho assalariado: o acirramento da questão social

No surgimento do materialismo, tão estudado por Karl Marx, pela qual desenvolvimento capitalista gerou crise de desemprego, quando passou a substituir trabalhadores por máquinas, prejudicando circulação do capital, devido a superprodução muita mercadoria e trabalhadores sem ter acesso ,trazendo assim o prejuízo das indústrias que para manter a circulação do capital, com a ajuda das políticas sociais que Estado mantêm a regulação, mantendo sua neutralidade dentro da estratégia, de redistribuição tido como “bondade do Estado” o que na verdade se trata de um direito, e essa redistribuição é da própria contribuição para direito neutralizado, pelo Estado como benefício para os trabalhadores assalariados, contribuição para combater a pobreza.

A prova cabal da vigência dessa lei geral da acumulação capitalista para além das suas evidências factuais e empíricas, está no próprio debate sobre a chamada “questão social” engendrada pelo capitalismo. Surgindo na terceira década do século XIX, justamente quando acumulação dava seus primeiros passos consistentes ,esse debate prossegue até os dias atuais, quando ideológicos a serviços da classe capitalista e ao mesmo tempo intelectuais desavisados se põe a mencionar uma pretensa “ nova questão social” como se houvesse uma questão social é determinada por essa lei; tal “questão social. ,Obviamente ,ganha novas dimensões e expressões à medida que avança a acumulação e o próprio capitalismo experimenta mudanças. Mas ela é insuprível nos marcos da sociedade onde domina o modo de produção capitalista (MPC). Imaginar a “solução” da “questão social” mantendo-se e reproduzindo-se o MPC é o mesmo que imaginar que o MPC pode se mante -se se reproduzir sem a acumulação do capital. (PAULO NETTO, 1985, p.139)

Segundo Paulo Netto (1985) No MPC existem a acumulação em um termo de contradição e surgimento de contradições de riquezas e pobreza econômica que faz com que a lei de tendências da lei geral da acumulação, de exploração muito agressivo para com os trabalhadores causando muitas situações deploráveis do explorado no método de acumulação, inevitável no MPC, como evitar as crises portanto dentro do/ capitalismo. resultado de um processo de acumulação primitiva, que se consolidou o capitalismo.

Nas bibliografias sobre as condições contemporâneas da vida de ambos setores da população, inclusive de países desenvolvidos revela que, a partir da oitava década do século XX, a pauperização relativa voltou-se a somar-se à pauperização absoluta que acreditava pertencer ao passado, no mesmo período, os países capitalistas periféricos (pertencentes ao terceiro mundo) e, com eles muito precocemente faziam parte de um extinto "bloco socialista" e então dispunham de padrões de vida bem melhor apresentam um quadro social que mostra que a situação da classe trabalhadora na Inglaterra. (PAULO NETTO, 1984, p. 139).

Segundo Paulo Netto, (1984). Foram movimentos dos operários para garantir direitos da classe trabalhadora, nas indústrias, e no surgimento das máquinas que trouxeram dificuldades de emprego trazendo um pouco do resultado do começo das tecnologias levando, onde não tem como se empregar devido surgimento de máquinas e uma das categorias de pauperização relativa, que se tratam de desigualdade social e o surgimento da questão social, onde não tem como se empregar, devido surgimento de máquinas. Contradições de riqueza/pobreza que levam ao antagonismo, pois nem todos possuem acesso ao que é produzido no modo de produção capitalista.

Todas relações humanas são subordinadas ao imperativo do lucro é aquilo que não propicia ganhos é visto como algo insensato inoportuno e irrealista é por isso que a economia política, ciência que se ocupa dos meios de ganhar dinheiro, é a disciplina favorita desses traficantes são todos eles economistas. (ENGELS, 1981, p. 308).

De acordo com, Engels (1981). Para os burgueses não se importam, com a situação financeira nem muito menos com a sua saúde dentro do capitalismo, o que interessa para os burgueses é o resultado da exploração que extrair o lucro investindo muito mais, nos meios de produção relações de exploradores e explorados, é sempre com intuito de explorar e extrair o lucro dessa exploração, não buscam melhorias para a classe trabalhadora. A lei geral da acumulação que geram miseráveis, se trata também de fragmentações, criadas pelo Estado que ajudam os miseráveis, que estão na rua por não ter espaço no mercado de trabalho, onde são

“beneficiados” de certa forma com trabalho assalariados, e também, com o neoliberalismo que traz as políticas sociais, para combater as desigualdades de classes trabalhadoras. O Estado tem que garantir sua legitimação, perante a sociedade, com a sobrevivência dos trabalhadores, para que continue o ciclo do modo de produção capitalista que se trata de uma exploração de forma alienada.

Na sua trajetória de pouco mais de um século, o imperialismo sofreu significadas transformações. Na história desse estágio do MPC podem-se distinguir pelo menos três fases a fase clássica que segundo Mandel, vai a entrada dos anos 70 o capitalismo contemporâneo, de meados dos anos 70 aos dias atuais. Se, como em toda periodização histórica essa cronologia é puramente indicativa, o que importa sublinhar é que malgrado todas as transformações que assinalamos, todo o estágio do capitalismo se desenvolve sob a égide dos monopólios que significa dizer que o imperialismo se mantém em plena vigência na entrada do século XXI. (PAULO NETTO, 1963.p.192).

De acordo Paulo Netto (1963):

.O trabalho a partir da acumulação primitiva se trata da produção excessiva de materiais primas, para o consumo, e acabou extrapolando a produção da mercadoria, ou seja trouxeram consigo o acúmulo, e com isso originou-se o antagonismo, não sendo utilizado como forma de troca de matéria prima transformada, que consolidou-se na sua forma de mercadoria e com isso, gerou exploração da força de trabalho, dando origem ao limitado acesso do que é produzido pois pertencem ao privado, ou seja, a propriedade burguesa”. Comentou-se que: A crise de 1929 evidenciou para os dirigentes mais lúcidos da burguesia dos países imperialistas a necessidade de formas de intervenção do estado na economia capitalista. registramos que o estado burguês sempre interveio na dinâmica econômica, garantindo as condições externas para produção e a acumulação capitalistas.

De acordo Paulo Netto, (1875). Quando se deu origem a crise de 1929 entre outras crises antecedentes, pois uma das mais prejudicaram, foi a crise 1929 que geraram problemas no sistema político e econômico onde se tornou necessário para intervir, eo Estado burguês se encarregou a intervenção. uma das características das crises geraram grandes problemas de desenvolvimento das futuras potências

imperialistas. consolidou-se em 1929 gerou um descontrole da classe trabalhadora pelo qual foi necessário ,ser elaborada uma intervenção que fizesse com que de certa forma através dessas medidas elaboradas, houvesse condições externas para produção e acumulação capitalista. As crises após os anos 70 marca o monopólio para o avanço de produção, essas crises se espalharem a solução ocorrida pelo estado intervindo na economia através de Keynes um modelo de MPC, romperam com o capitalismo passaram a adotar medidas socialistas, ou seja, medidas de restrição dos monopólios, mas de fato, durante a vigência do capitalismo concorrencial.Estabeleceu-se estágio subsequente do capitalismo ,haverá de consolidar-se desenvolver-se: um sistema econômico internacional mais exatamente :uma economia mundial. No curso de estágio a burguesia nascendo especialmente dos grupos mercantis que acumularem grandes comércios, afirma-se como classe que tem nas mãos o controle das principais privilégios da nobreza e fundiária e a então uma classe revolucionária, cujos interesses se conjugam com as massas da população sobretudo, é a classe que tem por tarefa liberar as forças produtivas dos limites que lhes eram colocados pelas relações feudais de produção e seu específico regime de propriedade.

Temos à época uma burguesia de caráter audacioso, uma burguesia empreendedora, heroica mesmo ,como se verifique seus inícios sua margem triunfal rumo a construção da nova sociedade que as relações sociais foram destituídos dentro do pré-capitalismo onde os burgueses, fizeram o estágio burguês substitui onde surgem um novo e específico regime de propriedade dando lugar a burguesia que investem em uma nova sociedade de lutas de classes devido modalidade moderna ,ou seja lutas fundadas ,pelo antagonismo da classe trabalhadora e burguesia ,e são as que se encontram em lutas. O capitalismo monopolista viveu uma fase única em sua história, fase em que alguns economistas designam como anos dourados ,ou ainda três décadas gloriosas, foram quase trinta anos em que o sistema apresentou resultados econômicos, nunca vistos e que não repetiram mais as fases cíclicas, não foram suprimidas mas seus impactos foram diminuídos pela regulação posta intervenção do estado.

(em geral as ideias de Keynes) e sobretudo taxa de crescimento mostram-se muito significativas vale assinalar este último fenômeno entre 1940 e 1970, a produção industriais dos países capitalistas desenvolvidos aumentou no conjunto foi alcançando num período histórico em que capitalismo e ordem burguesa viram-se amplamente criticados e questionados .

Existem três processos, todos mutualmente relacionados conferirem bases reais e práticas e esses questionamentos de uma parte, tendo sido o fascismo, de grande prestígio e poder, agora por um conjunto de países cada por um conjunto de países liberados da ocupação nazista, romperam com o capitalismo e se desempenha da ideia socialista.(PAULO NETTO, 1990, p.196)

De acordo com Paulo Netto ,(1990) As crises após os anos 70 cíclicas na economia, que veio de um meio de recursos, para monopólio para o avanço de produção, essas crises se espalharem a solução ocorrida pelo estado, intervindo na economia através de Keynes, um modelo de romperam com o capitalismo passaram a adota medidas socialistas, ou seja, medidas de restrição dos monopólios.

Segundo os estudiosos no período da organização do trabalho industrial, ainda na fase “clássica” imperialismo, a gerência científica de Taylor foi significativa, também graças à colaboração de Henry Ford (1863-1947), que se tornaria chefe de um dos maiores monopólios de indústrias veículos automobilísticos Inicialmente essa organização chamada Taylorismo-Fordismo-acabou se tornando padrão para toda produção indústria e universalizou-se, nos “anos dourados” do imperialismo. (PAULO NETTO,1990,p.197).

De acordo com o autor Paulo Netto, (1990).Os primeiros proletários surgiram com a indústria , onde surgiram os operários indústrias, que se ocupam vendendo sua força de trabalho, manuseando as máquinas, e serão aqueles, a quem inicialmente dirigimos se tornaram de fato importante na sequência da Revolução Industrial, originando assim um novo proletariado ,ou seja, os proletariados, sendo assim sem os seus meios de produção, utilizam-se de sua força de trabalho para

extraírem a matéria-prima que é transformada, através do trabalho dos operários realizado dentro do processo de produção industrial que tornou-se, em um grande padrão de indústria que se gerencia de uma forma científica de Taylor, que com a colaboração de Henry Ford (1863-1974), que juntos se tornaram possuidores de grande indústrias automobilísticas dentro de uma produção capitalista.

De acordo Com (ARAÚJO, 2016, p.136):

No entanto, é ainda que surge a necessidade de medidas de medidas assistencial-benéficas centradas na caridade e na filantropia como mecanismos que ,primeiramente ,se voltam para o enfrentamento das problemáticas sociais que atingiam a totalidade da vida dos trabalhadores .que nos diz a respeito ás formas embrionárias das políticas sociais.Behring e Boschetti (2007,p.47). De acordo com .Ao lado da caridade e de ações filantrópicas ,algumas iniciativas pontuais com características assistenciais são identificadas como promulgadas na Inglaterra, no períodos que antecedeu a Revolução Industrial: Estatuto dos trabalhadores (1349);a Lei dos Pobres elisabetana(1531 e 1601);a *Speenhamland Act* (1975) e a Nova Lei dos Pobres(1834)De outra ,as ações de cunho assistenciais ,via auxílios mínimos destinados aos pobres internados nas *Workhouses* , voltavam-se conforme as necessidades do sistema capitalista, para induzir o trabalhador a se manter unicamente por meio de seu trabalho.

De acordo com (ARAÚJO, 2016) Apresenta muitos pontos comuns, é preciso analisar primeiro esses pontos para estudar mais profundamente cada segmento em sua particularidade .As Políticas sociais na revolução Industrial e as lutas de classe do desenvolvimento da intervenção /estatal, somente é generalizado como passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista antes de revolução Industrial e as leis inglesas segundo o código coercitivo do trabalho que é de caráter primitivo repressivo e não protetor e que tem interesse de reprodução do capital *Workhouse*. O trabalho forçado mais auxílios mínimos leis *Speenhamland* complementação de salário permita negociar no capitalismo a força de trabalho torna-se mercadorias isto é, o tempo de trabalho, socialmente necessário ,onde o objetivo é sempre um supra produção por uma superacumulação, ronde através da mais-valia ,deste modo o sentido do trabalho sofre transformação ,assim mundo caráter abstrato produtos e valores de troca.

Apesar das diferenças estruturais que opõem e confrontam capital e trabalho na ordem social capitalista antagonismo o capitalista que tem propriedade do capital como trabalhador proprietário da força de trabalho, são juridicamente iguados a condição do cidadão buscando a igualdade mesmo com contrariedade e o Estado seria como amenizador ,diante disso relação social e econômica é regulada com o poder social e economia é regulada com o Estado onde disfarça a exploração dos trabalhadores condizente o acumula a riqueza produzida.O Estado disse os proletariados reais que todos se resolvem no mundo imaginário da cidadania os burgueses, os seus auxiliares assalariados reais entre as pessoas e gerenciar apenas a sua igualdade imaginaria como cidadão.(ARAÚJO,2016,p.70).

De acordo com Araújo (2016) Pensa em intervir de maneira camuflada, passando a ideia de igualdade, e forma livre de trabalhar e com seu salário e sobreviver, quanto mais poderoso é o Estado e, portanto, quanto mais político é um país, tanto menos estão dispostos a procurar no princípio do Estado portanto no atual ordenamento da sociedade, no qual o Estado no qual e expressão ativa, autoconsciente e Oficial, o fundamento dos males sociais e compreende-las o princípio geral. O intelectual político exatamente na medida em que se pensa dentro dos limites da política quanto mais é capaz de se compreender, os males sociais.

De acordo com (MARX ,1995,p.215). Os males sociais fazem parte dos limites da política que faz parte do Estado onde mais estiver evidente é menos compreendido e se compreender precisa um estudo do que aconteceu no Feudalismo ao surgimento de suas contradições sociais e econômicas no Modo de Produção Capitalista. A estrutura legal do Estado moderno é uma exigência absoluta para o exercício da tirania nos locais de trabalho. Isso se deve a capacidade do Estado de sancionar e proteger o material alienado e os meios de produções, ou seja ,propriedade radicalmente separada dos produtores e suas personificações ,os controladores individuais (rigidamente comandados pelo capital do processo de reprodução econômicas.Sem esta estrutura jurídica até os menores do modo de produçãocapitalista, capital antagonicamente estruturado seriam rompidos internamente pelos desacordos constantes, anulados dessa maneira sua eficiência econômica, o Estado se trata de um protetor do sistema econômico, mantendo o trabalho de forma alienada ,e deixando a falsa impressão de que os

trabalhadores explorados estão utilizando, de sua força de trabalho, como se estivesse trabalhando de forma livre devido o salário que garante sua sobrevivência, e o Estado mantendo sua tirania na economia do Capitalismo.

De acordo com Paulo Netto (1996). Além do desenvolvimento dessas forças produtivas que propiciou uma produção capitalista industrial, este nível vai ter modificações econômicas, na tendência de concentração e centralização, típicas do capitalismo concorrencial, quando em certo ponto atinge numa maturidade histórica, a transitoriedade da alienação vai formar os monopólios que antes a produção intercapitalizada concorrencial em grandes grupos econômicos que vão controlar ramos industriais com o objetivo de atingir os superlucros, ditará os preços dos controles. Além do nível vai ter modificações econômicas, na tendência a concentração e os superlucros, ditará os preços dos mercados sob controles destes, em consonância.

Sobre a lei geral da acumulação, Fernando Araújo, (2016, p.119).” Comenta:

Depois da Lei geral da Acumulação, trouxeram muitas outras categorias devidas o desemprego, problemas que surgiram depois da extrema vulnerabilidade social, produzidos pelo modo de produção capitalista e juntamente com as contradições, devido ao surgimento das indústrias que o espaço de transformação da matéria-prima em mercadorias, para serem comercializadas no espaço Capitalista de sistema contraditório de classes sociais. (ARAÚJO, 2016, p.119)

De acordo (ARAÚJO, 2016). .Então com a formação de monopólios, o salto qualitativo na organização dos trabalhadores e a reconfiguração do Estado vão ser os determinantes para o surgimento da Política Social O Estado irá intervir por meio dessas políticas sociais, e com o enfrentamento das expressões das questões sociais, de forma a parcelar e fragmentar e estas questões sociais para não pôr em xeque a relação e etc. Isso quer dizer que o Estado, reage de uma forma neutralizada para não ser tão óbvio sua intervenção, dentro de um controle que de certa forma resgata os direitos dos trabalhadores, que infelizmente para a classe trabalhadora é uma forma de” Bondade”, ou seja a classe trabalhadora enxerga como um benefício do Estado, o que na verdade se trata de um direito que o trabalhador tem diante de sua condição de exploração, dentro do modo de produção capitalista.

De acordo com Paulo Netto(1998,p.213):

Porém, subjacentes a esses detonadores não figuravam apenas a forte redução do ritmo de crescimento e a queda das taxas de lucros constatavam-se ainda vetores sociopolíticos de importância dos quais a pressão organizada dos trabalhadores era mais decisivos dos trabalhadores ao longo dos anos 70 ,o peso da movimento sindical aumentou significativo nos países melhorias assalariadas mais ainda contestado na organização da produção nos moldes taylorista-fordista (a mobilização de 1969 extremamente significativas a esse respeito.Além disso ,modificações culturais que tinham raízes nos anos imediatamente anteriores sinalizados pela contracultura ,pela revolução dos que lançaram outros sujeitos na cena política ,os movimentos de categorias sociais específicas ,impropriamente designadas como minorias nos quais existiam componentes anticapitalistas (nos anos 70 ,a revolta anticapitalista (nos anos 70, a revolta estudantil foi notável ,assim como mobilização dos negros norte-americanos com defesa de direitos civis, torna-se mais visíveis, também, movimento feminista).(PAULO NETTO, 1998 p.213).

E com o desenvolvimento ao longo dos anos 70 na pressão organizada dos trabalhadores, obrigaram e aumentou o movimento sindical aumentou significativamente países centrais não tendo muito resultado com melhorias aumento de salários devido a organização de produção capitalista em sua estratégia de melhorar a fabricação. .Os mercados, em geral, ficam longe; antes que as novas importações chegam a eles, a procura volta a crescer e, com ela, os preços; disputam -se as primeiras mercadorias a chegar, as primeiras vendas animam ainda, mas o comércio; os carregamentos esperados pretendo preços mais elevados e, nas expectativas de novos aumentos, começa-se a proceder e compras especulativas, subtraindo assim ao consumo de mercadorias que lhe estão destinadas precisamente no momento de maior necessidade dos especuladores fazem soltar ainda mais os preços, induzindo a novas importações.O domínio da economia traz um quadro não favorável, assim como uma rápida queda das taxas de lucros e aumentavam os custos das garantias conquistadas pelo trabalho, mediante o reconhecimento dos direitos sociais resultantes das lutas conduzidas pelos trabalhadores e implicando em uma carga tributária que o capital aceitaria quando as taxas de lucro eram mais alta, logo a descoberta de exploração excessiva e o esclarecimento e direitos sociais resultou os trabalhadores que se revoltaram pelas carga horária extensas e remuneração abaixo do esperados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o desenvolvimento do capitalismo e o a exploração do trabalho estão voltados para melhor se entende que os capitalizados se empenham em quebrar a consciência de classe dos trabalhadores. Utiliza-se do discurso de que a empresa é a sua casa e que eles devem vincular o seu êxito da empresa, não por acaso, os capitalistas já se referem a eles como operários ou empregadores que agora são colaboradores cooperadores associados etc. O empenho de quebrar a consciência dos trabalhadores, para eles não desenvolverem ideia de movimento operário, como a criação de sindicatos que podem melhorar de forma significativa e garantindo as reivindicações de seus direitos trabalhistas. Entre o fim da segunda guerra mundial e a passagem dos anos 70 e 60 ,o capitalismo monopolista viveu uma fase única em sua história fase única em sua história, fase em que alguns economistas designam como anos dourados ,ou ainda três décadas gloriosas ,foram quase trinta anos em que o sistema apresentou resultados econômicos nunca vistos e que não repetiram mais as fases cíclicas não foram suprimidas mas seus impactos foram diminuídos pela regulação posta intervenção do estado (em geral as ideias de Keynes) e sobretudo taxa de crescimento mostram-se muito significativas vale assinalar este último fenômeno entre 1940 e 1970, a produção industriais dos países capitalistas desenvolvidos aumentou no conjunto foi alcançando num período histórico em que capitalismo e ordem burguesa viram-se amplamente criticados e questionado .

As crises após os anos 70 cíclicas na economia, que veio de um meio de recursos para monopólio para o avanço de produção, essas crises se espalharem a solução ocorrida pelo estado intervindo na economia através de Keynes um modelo de MPC romperam com o capitalismo passaram a adota medidas socialistas, ou seja, medidas de restrição dos monopólios. Os Estados Unidos impuseram as outras potencias, imperialistas jamais foram socialistas. Os estados unidos que designam lutas contra o perigo vermelho ideias através de condução da guerra fria e da corrida armamentista seja através de intervenções abertas em um período revelado através de uma lista infinita cheia de repressões e divergências nas suas próprias fronteiras de que o mercantilismo foi um exemplo ,mais emblemático ,mais não é único, a direção militar , política e econômica os Estados Unidos colocou-se no imperialismo jamais se titularam de socialistas . Então lutaram contra o perigo

vermelho que deram origem a Guerra Fria que foi um movimento pacífico onde não ocorreram mortes e ocorrência de corrida armamentista.

Segundo o autor Engels, observaremos que, exceto talvez no caso dos irlandeses o nível cultural dos diferentes trabalhadores está intimamente ligado às relações com as indústrias. Os trabalhadores das indústrias têm mais consciência de seus interesses, os operários agrícolas, essa consciência quase não existe também entre os operários das indústrias e encontraremos essa graduação

Os operários, ao passo que os outros se vincularam-se a esse movimento na medida em que seus ofícios foram arrastados pelo vórtice da indústria: movimento operário evoluiu movimento industrial, um movimento que se influenciou entre as duas fases, dentro de uma situação precária que tem de enfrentar, tudo para garantir seus direitos, dentro de movimentos em que um evoluiu para o outro nível pois o movimento operário foi influenciado pelo movimento industrial. No entanto, diante de todo estudo como atualmente quase todo o proletariado industrial participa do movimento operário e como situação dos vários segmentos operários precisamente porque todos estão ligados à indústria apresenta muitos pontos comuns, é preciso analisar primeiro esses pontos para estudar mais profundamente cada segmento em sua particularidade, mas de forma geral toda a luta das políticas sociais e da assistência social tem como base a defesa de um povo que sofre ainda com vestígios do capitalismo. Portanto, o processo histórico nos mostra que o capitalismo funda suas bases no interior da sociedade feudal entre os séculos XIV e XV, mas é a partir do século XVI que tem início o que Marx chamou de era capitalista, onde inicialmente os trabalhadores executavam as suas operações sob a forma de cooperação e as técnicas produtivas eram controladas pelos mesmos, que ainda detinham o saber sobre seus ofícios, contexto que se instaura a grande indústria, a produção especificamente capitalista, na qual o capital subordina por inteiro o trabalho a suas necessidades. Desse modo, com a subsunção real do trabalho ao capital, este último, encontra as melhores condições para incrementar a produção do excedente, a extração da mais-valia, advinda da exploração de uma classe sobre a outra, contradição fundante do modo de produção capitalista: a produção social da riqueza e sua apropriação individual.

REFERÊNCIAS

ALAYÓN, Noberto. **Assistência e Assistencialismo: Controle dos pobres ou erradicação da pobreza?** São Paulo: Cortez, 1995.

Obra coletiva **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**, São Paulo, p.(18-498), novembro de 2012.

BRASIL. **Lei Orgânica da Assistência Social**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS e Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS [et al]. 5ª ed. Brasília, 2004.

Política Nacional de assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Conselho Nacional de Assistência Social– CNAS e Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS [et al].. Brasília: MDS, 2004.

BRASIL. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social** :Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS e Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS[etal].]. 5ª ed. Brasília, 2005.

BRASIL. **Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS e Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS [et al]., 4 ed. NOB-RH/SUAS, 2006.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

BERQUÓ, E. **Evolução demográfica no Brasil: um século de transformações**. In: SACHS, I. e PINHEIRO, P.S. (Orgs.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

BARBOSA, Rosângela; CARDOSO, Franci; ALMEIDA, Ney Luiz. **A categoria processo de trabalho e o trabalho do assistente social**. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo .v. 19,(p.109-131), novembro ,1998.

BETO, Frei. **Educação em Direitos Humanos**. In: ALENCAR, Chico. **Direito mais humanos**. Rio de Janeiro: Garamound, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). Parâmetros para atuação de assistentes sociais e psicólogos (as) na Política de Assistência Social / **Conselho Federal de Psicologia (CFP)**, Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Brasília, CFP/CFESS, 2010.

CAVALCANTE, Girlene Maria Mátis. **A precarização do trabalho e das políticas sociais na sociedade capitalista.** 2009. tese (mestrado em Serviço Social) Universidade Federal de Alagoas, 2009.

CAMARGO, Maurício. **Valores da Existência Humana: Ideias e desafios da vida e da morte.** Petrópolis: ed.Vozes, 1991.

CRESS. **Legislação Brasileira para o Serviço Social: .** Decretos e Regulamentos para a instrumentação da (o) assistente social. 2 ed. São Paulo: coletânea de Leis, 2005.

CARVALHO, Sergio Resende. **As contradições da promoção da saúde em relação à produção de sujeitos e mudança social.** 2004, disponível em: <www.scielo.br > acesso em: 10/11/2013.

GODOI, Sueli (org.). **Fundamentos Básicos do trabalho social.** Londrina: UNOPAR, 2008.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social.** In: 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; ROCHA, Marque Maria Aparecida de. **Transformações no mundo do trabalho: repercussões no mercado de trabalho do assistente social a partir da criação da LOAS.,** Porto Alegre 10 v.07 Jan/jun 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **A questão social no capitalismo.** 1.ed. In: Temporalis, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de Capital Fetiche.** 9.ed. São Paulo Capital :cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda. CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil.** 22ª ed. – São Paulo, Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na cena contemporânea).** Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. ed.27 .Brasília:CFESS / ABEPSS, 2010.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade.** trabalho e formação profissional.) São Paulo: Cortez, 1998.

LOMBARDI, Maria Rosa: **Reestruturação produtiva: percepção dos trabalhadores.** Revista Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 61, dezembro/97.

ARAÚJO, Fernando. **ESTADO E CAPITAL: UMA COEXISTÊNCIA NECESSÁRIA.** 1.ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LONARDONI, Eliana. **O processo de afirmação da assistência social como** Disponível em: < www.ssrevista.uel.br/c_v4n1_politica.htm > Acesso em: 28 de janeiro 2021.

MATOS, Maurílio Castro. **O Debate do Serviço Social nos Anos 90.** In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação.** 5.ed. – São Paulo: Cortez, 1997.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia: História Crítica do Pensamento Econômico.** Vol. I. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

FRIEDRICH, ENGELS. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra** 1 .ed : março de 2008, revista : julho de 2010.

MARX, Karl , **O Capital:** Crítica da Economia Política. 3 ed. Volume I, Livro Primeiro, Tomo I. Nova Cultural :2008.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política** 6.ed São Paulo.: uma introdução crítica. : Cortez, 2010.

SZYMANSKI, H.SPOSATI, OLIVEIRA de Aldaiza; **Práticas educativas familiares e o sentido dos familiares da construção da identidade:** Negativa e a Assistência Social na trajetória das políticas sociais Brasileiras: uma questão em análise , São Paulo: Cortez, 2003.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Assistência Social brasileira:** Limites e possibilidades na transição do milênio. In: Cadernos ABONG nº 30- Política de Assistência Social: Uma trajetória de avanços e desafios. Subsídios à III Conferência Nacional de Assistência Social. Novembro, 2001.

XIMENES, M. Amélia ; **O fazer institucionalizado:** o cotidiano do asilamento, (tese de mestrado, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal) de Nível Superior, Brasil. CAPES, 2001.